REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

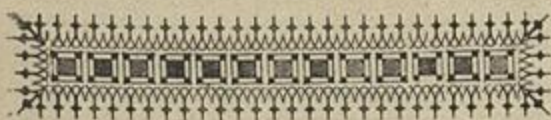
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 835

10 DE MARÇO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

ALMIRANTE BAPTISTA DE ANDRADE — FALLECIDO EM 26 DE FEVEREIRO DE 1902

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma noticia triste para começarmos.

No grande hotel do Estoril falleceu na quinta feira de madrugada o conselheiro Frederico Arouca, ha tempos bastante doente, mas ultimamente com melhoras que tantas esperanças davam aos seus amigos, que para todos foi surpreza a triste nova.

O sr. Presidente da Camara dos Pares, apenas recebeu o telegramma em que o sr. Simão Arouca lhe participava o fallecimento de seu pae, com o mais profundo sentimento o participou á Camara, fazendo em seguida o elogio de seu companheiro nas luctas politicas os srs. Presidente do conselho e Moraes Carvalho.

No sabbado prestou-lhe egual homenagem a Camara dos deputados, a quem o sr. Presidente participou o acontecimento doloroso, propondo um voto de sentimento, a que se associaram com palavras eloquentes os srs. Ministro da justiça, João Arroyo e Antonio Centeno.

O corpo, com grande acompanhamento foi transportado para a estação, d'onde seguiu para o Caes do Sodré e d'ahi para o cemiterio dos Prazeres. Orou á beira da cova o sr. conselheiro Vargas, que poz em relevo as altas qualidades de Frederico Arouca como amigo leal e dedicado, parlamentar distincto, prestante funccionario em todos os altos cargos que exerceu.

A morte de Frederico Arouca causou profunda impressão no paiz inteiro e sobretudo em todo esse Ribatejo que elle tanto amava e onde ultimamente se dedicára á lavoura.

Alegre, fino, conversador, muito elegante, conservava na maneira de vestir, de falar, de andar, o que quer que fosse que vai tendendo a desapparecer e lhe dava uma nota original na sociedade em que vivia.

Frederico Arouca, que, como dissemos, amava muito o Ribatejo, fôra em seus tempos de rapaz o que então se chamava um *marialva*, entre elles procurando os seus amigos, gostando muito de toiradas e levando ás vezes o seu amor por ellas até descer á praça e bater com valentia as palmas em frente d'um toiro.

Necessidades da vida, logo que terminou seu curso em Coimbra, afastaram o da sociedade, em que a vida lhe corria alegre, para assumptos mais serios. Começou a trabalhar como advogado no escriptorio do Visconde de Moreira de Rey e entrou depois na carreira da magistratura.

A politica tentava-o, e elle cedo criou nome no campo em que mais havia de brilhar.

Sem que fosse orador distincto, sem que, como ministro, deixasse seu nome ligado a obras muito notaveis, sempre o seu bom senso fulgurou em todas as questões e depressa o chamaram aos mais altos cargos.

Veiu pela primeira vez á camara, deputado regenerador, em 1879, eleito pelo circulo de Cadaval; pelo mesmo circulo em 1884 e ainda mais uma vez em 1887 pelo circulo de Portalegre.

Cahido o ministerio progressista, depois do ultimatum de 1890, foi chamado, em condições difficeis, por Antonio de Serpa, para tomar conta da pasta das Obras Publicas. Volta a ministro em 1893 com a pasta dos Estrangeiros. N'esse mesmo anno é nomeado par do reino e em 1900 conselheiro de estado. Em 1896 substituiu Luiz de Soveral na legação portugueza em Londres.

Ultimamente, um pouco afastado da politica, dedicou-se quasi completamente á agricultura, administrando com actividade a sua casa de Alcoentre, onde gostava de passar uns dias de ferias em que descançava de seus muitos trabalhos, como ajudante do procurador geral da corôa e advogado syndico da camara municipal.

Morreu novo, quasi na força da vida, com pouco mais de cincoenta annos.

Sua intelligencia clara, seu genio alegre, seu caracter, tinham-lhe criado grande numero de ami-

gos, até fóra de seu partido, a que realmente prestou os mais relevantes serviços.

E' doloroso dever este de consignarmos aqui todas estas novas tristes de que aliás se compõe, podemos assim dizel-o, a historia de cada dia.

Quanto mais agradavel não era só fazer resenha de factos risonhos e commental-os com alegria!

Mas tem de ser, tem de ser.

Tambem de Hespanha nos chega a má noticia da morte d'um grande artista, que Lisboa acclamou a primeira vez que ahi nos veiu de visita e de quem não fez caso, quando, passados annos, voltou, velho e decrepito, a representar seu grande repertorio no theatro do Principe Real

Em viagem de Santiago de Cuba para Neuvitas falleceu a bordo do paquete que o transportava o grande actor hespanhol, Antonio Vico.

Seu corpo embalsamado será transladado para Madrid, por cuidado e a expensas de Diaz de Mendoza.

Lembra-me d'elle quando ahi esteve, dias depois da primeira visita que nos fez a Duse, que exgotára todas as algibeiras. Ajudou-o Novelli n'um beneficio, mas nem assim conseguiu ter uma casa boa. Não sabia como pagar á companhia, tinha uma familia enorme que não sabia como sustentar.

Tinha sido um grande actor, dos maiores de Hespanha, o que não é dizer pouco, fôra applaudido com delirio, acclamado como um genio, e via-se na maior miseria!

Foi ainda a miseria que o levou agora ás Antilhas, onde, em vez da fortuna, encontrou a morte.

Desgraçado Vico!

Melhor sorte proteja os artistas portuguezes, que, em grande numero, tambem este anno partem para a America em busca de fortuna.

Vae entre elles, como estrella, Angela Pinto, e não deve de ser pequena a curiosidade dos brazileiros em conhecer uma actriz de tamanho talento, a quem tantas anecdotas andam ligadas transformando-a em heroina. Lá vae com o repertorio mais variado, dramas, farças, comedias, talvez até alguma tragedia e de mistura alguma opera comica, espalhar pelas platéas do Rio de Janeiro a alegria de que dispõe de sobra, o sentimento que de sobra n'ella vive.

Viagens! Viagens! E' o que ha de novo em nossos theatros afóra tres novidades: os *Malhados* em D. Amelia, o *Hero e Leandro* em S. Carlos, a revista no Principe Real.

Tudo applaudido.

O tempo já vae mudando. Já tivemos dias bonitos e até um bocadinho de calor. Não admira portanto que se vá falando um pouco menos de theatro, um pouco mais de toiradas.

Já está annunciada a primeira, por emquanto envolta em grandes mysterios, como vae sendo uso em todos os annuncios de espectaculos. Assim é que se vae fazendo cocegas á curiosidade, obrigando os amadores a falarem.

A primavera vae-nos batendo á porta. Já ha dias parece que uma aguada muito leve de tinta verde tingia as arvores. A's tardes os pardaes já cantam com maior gosto nas arvores da Avenida.

E foi no meio de todo este renascer que inflamma as fantasias dos poetas que uma das mais prosaicas discussões se levantou no Banco de Portugal entre os campos oppostos da direcção e do sr. Conde de Burnay.

Trata-se de contos e contos, de novecentos contos de acções, de perder ou de ganhar uns noventa contos. Não se trata, como está visto, de aquella prosa em que foi celebre mr. Jourdain, trata-se d'uma sopa muito rica como dizia uma vez Sua Ex.ª na *Tarde*, trata-se de macarrão, que é massa grossa.

Seis mil acções! Novecentos contos! Noventa contos para cá... Emendemos... para ali ou para acolá!

Põe-se muita gente a coçar o queixo, quando ouve falar de contos em algarismos taes como elles não teem tostões.

Ainda ha dias, foi outra vez preso o Bicha, porque não tinha tres corôas com que podesse safarse. E fez pena a muita gente a prisão. O patife tinha-se tornado sympathico pela esperteza; faltou-lhe a mola real, tudo parou n'aquelle cerebro.

Pois deu que falar. O homem, se soubesse escrever, com a imaginação que tem, que grande collecção de folhetins publicaria, que bello drama de peripecias!

Não lhe farão centenario por certo e, por emquanto, contentemo-nos com o que está planeado para celebrar o maior poeta comico de Portugal, um dos maiores do mundo, o auctor de tantos autos maravilhosos, o genial Gil Vicente.

A festa deve ser solemne e n'ella devem tomar parte, coadjuvando-a, quantos em Portugal, por muito pouco que seja, se interessam pela arte.

Seria vergonha que a proposta de Malheiro Dias na camara dos deputados soffresse qualquer opposição menos patriotica. Ha trezentos annos que está por pagar esta divida a Gil Vicente.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

ALMIRANTE BAPTISTA DE ANDRADE

Pelas cinco horas da madrugada de 26 de fevereiro ultimo, falleceu n'esta cidade, victimado por um scirrho no estomago, que de ha muito o torturava, o almirante José Baptista de Andrade, uma das figuras mais sympathicas da marinha de guerra portugueza.

Tendo nascido em 27 de março de 1819 o venerando marinheiro contava quasi 83 annos de edade. A sua biographia, revelando as alevantadas qualidades de caracter que o exornavam, impunha-o á veneração de toda a armada nacional e á estima da sociedade portugueza.

A noticia do fallecimento do almirante Baptista de Andrade causou, pois, funda e dolorosa impressão.

Da respectiva folha de serviços consta que se alistou na armada aos 14 annos, em setembro de 1833, e no anno seguinte, não tendo completo ainda o curso, embarcou para a India. O baptismo de mar que recebeu foi digno da sua vida de marinheiro, fazendo então uma das mais desastrosas travessias do Cabo da Boa Esperança, onde o navio perdeu o leme e andou alguns dias sem governo.

Em 1840 foi promovido a guarda marinha depois de ter concluido brilhantemente os cursos de marinha na Escola Polytechnica e na Academia de Marinha. Em 1844 era segundo tenente e um anno depois primeiro tenente, posto a que fôra promovido por distincção, pelo valor e intelligencia com que se houvera em Africa. Em 19 de abril de 1858 foi promovido a capitão tenente, a capitão de fragata em 21 de setembro de 1860, a capitão de mar e guerra, sem prejuizo de antiguidade, em 11 de agosto de 1862, a contra almirante, por distincção, em 10 de fevereiro de 1873, a vice-almirante em 26 de julho de 1889, e a almirante em janeiro de 1895, como por essa occasião se consignou no OCCIDENTE.

A promoção a capitão tenente, por distincção, obteve-a Baptista d'Andrade no campo de batalha em 8 de dezembro de 1857, por ter sido n'esse dia que se travou o mais importante combate dos que occorreram em Angola para castigar a revolta de varios regulos indigenas. A promoção a capitão de fragata teve-a pela defeza de Bembe.

N'estas promoções se synthetisam grande numero de actos valorosos e heroicos que esmaltaram a vida do extincto.

O almirante Baptista de Andrade foi inspector da Escola Naval, commandante geral da armada, vice-presidente do conselho do almirantado, membro do tribunal superior de guerra e marinha, vogal da Junta Consultiva do Ultramar, vice-presidente do Instituto official de protecção ás familias dos funccionarios militares e civis, fallecidos no Ultramar. Era conselheiro de Estado effectivo, par do reino vitalicio, por decreto de 8 de janeiro de 1880, tendo tomado posse em 23 do mesmo mez e anno; foi deputado da nação, ajudante de campo de el-rei D. Luiz e primeiro ajudante de campo e chefe da casa militar de sua magestade el-rei sr. D. Carlos.

Entre outras condecorações possuia o fallecido almirante a gran-cruz, o officialato e commenda da Torre Espada, de S. Tiago e de S. Bento de Aviz, as medalhas de ouro das classes de valor militar, de bons serviços e de comportamento exemplar, as commendas da Rosa, do Brazil, e de Carlos III, de Hespanha, e a medalha de ouro da expedição a Angola em 1860.

A sua nobilissima modestia vencia todas estas honrarias.

Ainda, como ultima vontade, que lhe foi respeitada, o venerando marinheiro pediu lhe não fossem tributadas honras militares. Porém o seu funeral foi concorridissimo e constituiu uma imponentissima manifestação.

Quando o cadaver do valente portuguez entrava no jazigo, o sr. conde de Paço d'Arcos pronunciou um commovente discurso, falando em nome da marinha portugueza.

Sua ex.ª, dando o adeus de despedida a Baptista d'Andrade, poz em relevo a superioridade e galhardia com que elle commandava os navios que lhe eram entregues, e a estima que votava a todos os seus camaradas e o affecto que tinha pelos proprios marinheiros, que o consideravam como pae.

O sr. conde de Paço d'Arcos exaltou as grandes qualidades de coração d'esse homem que, nas differentes situações da sua carreira, quer como chefe da casa militar d'el-rei, quer como par do reino, quer como conselheiro d'Estado, foi sempre affavel com todos, amigo dos seus amigos, sustentando sempre nas suas relações sociaes a sua linha de conducta firme e honrada.

O orador poz finalmente no seu verdadeiro foco a estatura d'esse militar que nas differentes commissões de serviço sustentou intemeratamente o brio das suas dragonas, deixando pelos seus altos feitos memoria perduravel na nossa historia; e como exemplo, passou em revista as campanhas do Ambriz e do Congo, onde desaffrontou a bandeira portugueza, avassalando os regulos rebeldes e firmando os nossos dominios n'aquellas paragens.

Teve o orador, no final do seu discurso, palavras lisonjeiras para a imprensa portugueza, que n'este momento, mercê da multiplicidade dos jornaes e do cuidado na informação, pôde pôr, o que não foi possivel ha muitos annos atraz, a figura do almirante Baptista d'Andrade no seu plano verdadeiro.

Como o funeral do glorioso marinheiro tinha o caracter de particular, nenhum dos ministros assistentes usou da palavra.

INDUSTRIA NACIONAL

FABRICA DE BOLACHAS DA PAMPULHA

Inaugurando esta secção, em que se procura consignar os progressos da industria nacional, tem O OCCIDENTE agradavel ensejo de prestar a devida homenagem a um dos mais activos industriaes lisbonenses. O nome de Eduardo Costa está estreitamente vinculado á sua bella obra, a fabrica de bolachas da Pampulha. Se este estabelecimento é um verdadeiro modelo no genero, a actividade do arrojado industrial é um edificante exemplo de quanto vale uma iniciativa intelligente e pertinaz.

Cabe a Eduardo Costa a honra de ter fundado em Portugal a primeira fabrica de bolachas e de a manter n'uma constante melhoria de producção. Em poucos annos adquiriu a fabrica da Pampulha uma invejavel nomeada, que se tornou poderoso incentivo para constantes aperfeiçoamentos do fabrico.

Indubitavelmente este labutar incessante do esclarecido industrial constitue o segredo da prosperidade da sua empresa. Quando tantas industrias, conquistando o apreço do publico, se deixam ficar estacionarias, Eduardo Costa não deixa um só momento de apurar os seus productos.

Em cada anno que decorre accrescenta á fabrica da Pampulha novas qualidades á sua lista vastissima de bolachas e biscoitos. E a iniciativa do fabricante não se limita a aprimorar o fabrico, vae mais longe, inventando novas especies e ligando-as a algum assumpto de novidade ou sensação, despertando no publico um lisongeiro acolhimento.

Excedem a trezentas o numero das diversas qualidades de bolachas e biscoitos que a fabrica da Pampulha tem lançado no mercado, como se pode ver dos mostruarios sempre patentes nos escriptorios ou nos seus depositos em Lisboa, na rua dos Retrozeiros 32 e 34 e no Porto na rua de D. Pedro. 143 e 145.

As recompensas obtidas em todas as exposições a que tem concorrido, recebendo os maiores premios, mostram bem quanto honram a industria portugueza os productos da nossa primeira fabrica no seu genero.

Em Vienna d'Austria alcançaram a medalha de merito da Associação promotora da industria fabril; na exposição de Philadelphia em 1876 tambem foram premiados e egualmente na exposição universal de Paris em 1878. Na exposição agricola de Lisboa, em 1884, obtiveram ambos os productos, bolachas e biscoitos, o maior premio e distincção, e na Exposição Industrial Portugueza de 1888 o diploma de medalha d'ouro.

Ha vinte annos que Eduardo Costa dirige proficientemente a sua fabrica. Installada em edificio proprio, compõe-se de uns poucos de andares, que se erguem do Aterro até á travessa dos Brunos, no alto da Pampulha, d'onde deriva o nome do conhecido estabelecimento industrial. Ahi, tudo está methodicamente disposto. As carroças que trazem a farinha veem ao portão do Aterro, onde

ao fundo do corredor de entrada se encontra um elevador que transporta as mercadorias até ao terceiro pavimento (secção de preparação de massas), depois ao quarto (machinas de cortar e fornos) e por fim ao quinto (escolha e collocação em latas). Como este andar fica ao rez da travessa dos Brunos, d'ali saem com a maxima facilidade as latas para os elegantes carros da fabrica que as levam aos estabelecimentos e ao deposito geral, estações de caminhos de ferro e vapores O que tudo mostra como na construcção do edificio da sua fabrica attendeu Eduardo Costa á necessaria ordem e melhor methodo.

Com um pessoal de sessenta individuos de ambos os sexos produz a fabrica da Pampulha uns 600 kilos de bolacha diariamente, da qual exporta por mez, para Africa, Brazil e India, uns trinta mil kilos. É bem conhecida a especialidade da casa, a bolacha *Maria*, que tem um consumo extraordinario.

O systema de machinismo é dos mais modernos e aperfeiçoados. Possue duas machinas grandes de cortar e gravar, produzindo a primeira cinco a seis mil bolachas por minuto. Os fornos são do systema francez Rolland e um inglez semfim. Os fornos girantes permittem graduar o calor conforme as massas levam mais ou menos tempo a cozer.

Assim dotada de machinismos a fabrica de Eduardo Costa está habilitada a produzir bem e nas condições mais vantajosas.

É, pois, um estabelecimento que muito honra a industria nacional e a cujo proprietario folgamos de render os merecidos louvores.

Pelas gravuras que publicamos poderá o leitor apreciar melhor a importancia e a disposição do interessante estabelecimento fabril.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 832)

Depois de um intervallo de quasi dezeseis annos, reappareceu na scena de S. Carlos, n'esta epocha, revelando-se com extraordinario brilho, grande artista dramatica, a dama Gemma Bellincioni, não sendo eclipsada nem mesmo pela celebre Réjane, que n'esta epocha deu representações no mesmo theatro, como ficou dito. O seu grande talento dramatico, era secundado por uma physionomia altamente expressiva, dotada de uma rara mobilidade, que lhe permittia ouvir, e dizer, tudo com a maior naturalidade e expressão, mostrando se uma artista de primeira ordem. Como cantora tinha bom methodo e expressão, mas os recursos vocaes eram poucos; entretanto defendeu-se de modo que nunca se lhe ouviu desafinação nem falha de nota. Era verdadeiramente surprehendente nas operas *Saffo*, de Massenet, e *Fedora*, de Giordano; n'esta ultima foi admiravelmente acompanhada pelo tenor De-Lucia, que aqui se revelou um grande artista.

Das novas figuras que, pela vez primeira, pisaram o palco de S. Carlos, n'esta epocha, merecem especial menção, como grandes artistas intelligentes e conscienciosos, o tenor Garbin, o barytono De-Lucia e baixo Perelló, como cantor mavioso de bonita voz o tenor Bonci, e como um bello exemplar de formosura, e cantora correcta, e actriz conscienciosa, a dama Amalia de Roma, que muito se distinguiu na opera *Werther*, de Massenet.

N'esta epocha veiu um novo maestro, Arnaldo Conti, que dirigiu todas as operas durante toda a epocha. Veiu precedido de uma innundação de reclames em todos os jornaes, que não impediram de fazer numerosos fiascos. As operas, na maior parte, foram mal ensaiadas e mal dirigidas; frequentes vezes os andamentos eram completamente errados; nem energia nem colorido se percebiam na execução orchestral; houve representações, em que a execução dos *ensembles* foi vergonhosa de tal modo, que o publico acordou e manifestou por muitas vezes o seu desagrado, pateando o maestro e a orchestra, passando em julgado para muitos a inepcia d'este maestro. Houve porém algumas excepções; entre estas, a mais notavel foi a execução da opera *Fedora*, que foi primorosamente ensaiada e dirigida; o publico fez-lhe então justiça, applaudindo muito, e chamando o maestro repetidas vezes ao palco scenico, reconhecendo-se que o maestro tinha algum valor, e que a primitiva sentença devia ser modificada. Na noite da ultima recita o maestro Conti recebeu da empreza uma dadiva em dinheiro, acompanhada de cumprimentos pela sua proficiencia e qualidades pessoaes.

Um importante melhoramento foi pela primeira vez introduzido no theatro de S. Carlos, n'esta epocha lyrica, em janeiro de 1900, sendo este theatro dotado com um systema de ventilação e aquecimento artificial.

Havia já muito tempo, que os espectadores se queixavam do frio, que havia no theatro, desde que em 1886 a luz electrica tinha substituido a antiga illuminação a gaz. O frio tornava-se, especialmente, insupportavel quando se achavam abertas as janellas das paredes da caixa do theatro, estabelecendo-se, logo que se levantava o panno de bocca, correntes incommodas de ar frio do palco para a sala. Foi, porém, necessario que viesse a Lisboa a actriz Réjane, para que se attendesse e corrigisse tão incommodo inconveniente. Effectivamente, a insigne comediante franceza incommodou-se tanto com aquellas frigidas correntes de ar, que energicamente reclamou contra tal desconforto; sendo, em consequencia d'isso, logo posto no palco um pequeno fogão; e afinal, a morosa administração das obras publicas resolveu-se a pôr em execução o melhoramento tantas vezes pedido, sem resultado, pelos espectadores regelados nas suas casacas, e pelas damas arripiadas nos seus decotes.

Eis como, pelo distincto engenheiro Antonio Teixeira Judice, foi resolvido o problema. No pateo ao sul da nova edificação levantada contigua ao theatro, e a este pertencente, para deposito de scenas, etc., foi installada uma ventoinha movida por um motor electrico. A ventoinha injectava ar que, passando em canaes atravez dois fogões de gaz, era aquecido, e depois era lançado na atmosphera do palco scenico e da sala dos espectaculos, corredores etc. A temperatura chegou a attingir 24°. A insuflação não incommodava os espectadores. As correntes de ar que, com frequencia, anteriormente, se produziam do palco para a sala, e do subterraneo da caixa para cima do palco, devidas a grandes differenças de temperatura, ficaram muito attenuadas ou quasi desappareceram. Este melhoramento custou ao ministerio das obras publicas, incluindo o material, despezas de installação, e o custeio durante a epocha de 1899-1900, proximamente a quantia de 3:000$000 réis.

A illuminação do theatro é electrica em todo o edificio, na actualidade. Eis como se achava organisado este serviço em janeiro de 1900:

Eram illuminados por lampadas electricas de incandescencia, a sala, os corredores, os camarins, a orchestra, a ribalta, as gambiarras e os tangões.

Eram empregados arcos voltaicos no exterior da fachada, no salão de entrada, nas illuminações do palco, etc.

A sala tinha um lustre, em forma de estrella, com 195 lampadas de incandescencia de 16 velas cada uma, (tem supportes para 300 lampadas). Além d'isso havia em volta, nas diversas ordens, braços de metal com 4 lampadas cada um, ao todo 138 lampadas lateraes.

A tribuna real tinha: na tribuna propriamente 68 lampadas de incandescencia; no salão e mais annexos da tribuna real havia 70 lampadas. Total das lampadas do serviço da tribuna real 138.

Nos espectaculos de gala, com a tribuna real aberta, a sala era illuminada portanto com 471 lampadas (pode-o ser com 576), fóra as luzes da orchestra. O effeito era deslumbrante.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

A utopia social e a democracia christã

«A maior de todas as desgraças e o mais infamante dos vicios é a hypocrisia, quer subjectiva, quer objectiva...»

Louis Feuerbach — *Qu'est ce que la Religion.*

Ha evidentemente muita hypocrisia na indole de tantos agitadores de praça publica que embriagam as massas populares com a visão de quadros de egualdade social e de partilha commum de todos os bens terrenos.

Não creio que haja boa fé em algum de taes agentes da desordem e da anarchia; e digo isto com tanto maior convencimento quanto mais conheço de perto os expedientes, que seriam comicos se não prejudicassem muitas familias, de que usam chegada a hora de servir seus proprios interesses de bolsa excluindo os ouvintes de hontem aos quaes davam titulo de companheiros os corypheos embelecadores das multidões.

Os povos luctam interna e exteriormente com difficuldades tremendas e sentem-se vexados por prepotencias esmagadoras e por excessos de abusos insuportaveis; mas pensando sisuda e sensatamente, quem não vê a impossibilidade de nivelar tudo por uma só bitola e de contentar cada individuo e cada collectividade na mesma esphera interpretativa do exequivel?!

Gomes dos Santos condensou em um folheto de 73 paginas apenas tudo quanto proclamam as escolas socialistas em seus programmas de propaganda e de combate e tudo quanto se justifica nos aggravos dos que soffrem injustiça e extorsão de direitos legitimos.

Esse folheto deveras luminoso intitulado *A utopia social e a democracia christã* abrange tres capitulos consagrados respectivamente ao estado da questão, á historia do proletariado em suas modificações successivas para melhor e á solução unica acceitavel que Leão XIII deu ao momentoso problema da questão social na magistral encyclica *Rerum Novarum.*

Gomes dos Santos, que é ainda um moço, produziu no trabalho a que alludo, agora mesmo acabado de imprimir, uma como biblia que devera ser lida e digerida por cada ser humano convenientemente educado.

«Chegamos ao fim d'este desvalioso trabalho. Os leitores, diz o auctor ao terminar o folheto, viram desfilar, ante os seus olhos, o quadro, mal tracejado embora, da grande questão social que agita e revolve o mundo. Na primeira parte d'este pequeno volume mostramos a inanidade das doutrinas socialistas, utopicas e idealistas, e até, em certos casos, prejudiciaes ao proprio operariado; na segunda bosquejamos a evolução do trabalhador atravez dos seculos, mostrando como todas as successivas mudanças, para melhor, de situação foram devidas a agentes externos e consequencia natural da propria marcha da humanidade, superiormente determinada; tratámos na terceira da democracia christã, expondo o que ella já conquistou para o operariado e o que pode conquistar ainda, se todos os trabalhadores tiverem uma nitida comprehensão dos seus deveres, associando-se em circulos catholicos e procurando, pelos meios legaes expostos na Encyclica, remediar o mal estar social.»

Felicito o sr. Gomes dos Santos pela sua obra de poucas paginas é certo mas de valor intrinseco pelo ensinamento categorico e profundo, revelador a um tempo de sua incontestavel competencia em semelhante assumpto melindroso e da pujança de suas faculdades.

Lê-se com agrado crescente e tira-se proveito de sua leitura.

Expõe com muita clareza e naturalidade, faz a analyse critica das doutrinas socialistas pondo em evidencia os seus apostolos mais proeminentes, resume em synthese brilhante o livro esplendido de Richter, *Diario de um operario socialista*, de que tenho sobre a banca de trabalho n'este momento um exemplar de traducção sobre a 254.ª edição allemã, n'uma palavra, mostra-se erudito e prudente, castiço na linguagem e amenizado no estylo, escrupuloso em não se desviar da verdade e imparcial no conceito.

Estes predicados que não é muito vulgar encontrar reunidos, captivam os leitores com justificada razão e merecem sympathias ao auctor do folheto, que o fechou admiravelmente com estas palavras de S. Paulo: «charitas patiensest, benigna est; non quaerit quæ sua sunt, omnia suffert.»

Janeiro, 6 de 1902.

D. Francisco de Noronha.

O FRASCO DE PRATA

POR

Eugène Berthoud

(Continuado do numero antecedente)

N'um relance viu toda a sua vida, e só idéas risonhas decerto o exame lhe inspirou, que até uma mendiga, que ia passando levando suspensa do seio exhausto uma criança muito magrinha, se approximou, atrahida pela expressão feliz da physionomia do Conde, e lhe estendeu silenciosamente a mão.

Octavio, cheio de compaixão por aquelle rosto macillento e escangalhado, rebuscou nas algibeiras e encontrou, não sem espanto, um luiz esquecido n'um canto do collete.

— Tome, boa mulherzinha, disse, dando-o á pobre; é o ultimo.

— Pois vou resar a Nosso Senhor, murmurou a mendiga doida de alegria, e elle lhe dará a riqueza.

O Conde já se puzera outra vez a passear e voltou-se de sobr'olho franzido.

— Guarde para si os seus bons desejos estupidos, disse furioso.

A pobre mulher cuidou que elle estava doido e safou-se a toda a pressa.

Octavio continuou passeando, encolhendo os

Industria Nacional

EDUARDO COSTA

ESCRIPTORIO DA FABRICA

AMASSADOR MECHANICO

OS GRANDES FÓRNOS PARA COSER BOLACHAS

FABRICA DE BOLACHAS DA PAMPULHA, DE EDUARDO COSTA

hombros e procurando cerzir os farrapos do sonho interrompido. Evocou em espirito a imagem de quanta mulher tinha amado e todas as radiosas fadas da sua mocidade, phalange côr de rosa e sorridente, lista sem fim como a de D. João, vieram egrenar-se no escrinio da memoria.

Uma com sua ruidosa alegria, linda alegria com dentes brancos e covinhas, olhos que eram diamantes negros, ingenuos e ao mesmo tempo trocistas, coração de cotovia bebeda de sol.

Outra, majestosa estatua pensativa, immovel, emmoldurada em rendas e velludo, e abandonando, com indifferença de senhora de alta roda, os hombros marmoreos aos feixes loiros das luzes do baile e a fronte altiva aos olhares curiosos da maledicencia.

Aquella que trabalha ao lado de sua mãe, no lar socegado, á luz do candeeiro de familia, é a menina recolhida, virgem de perfil tranquillo e puro... Ninguem adivinha que todo o corpo lhe estremece ao menor barulho lá de fóra, que as longas palpebras baixadas escondem olhos que a insomnia avermelha, que um remorso afunda, ninguem adivinha que cada ponto da agulha com que cose é cumplice de pensamentos que a devora de muito secreta angustia.

Mais cem visões, quantas! cem rostos de mulheres radiantes ou desesperadas, passavam ante os olhos de Octavio sem n'elle acordarem mais que uma lembrança que o lisonjeava, uma sensação egoista de vaidade satisfeita. Nenhuma fibra lhe palpitou, nenhuma saudade lhe ergueu o peito, nenhum d'aquelles nomes tão doces, perolas cahidas no abysmo do passado, lhe fez correr nas arterias mais tepido o sangue.

Só então, e pela primeira vez, conheceu que nunca tinha amado. E' que o verdadeiro amor é como o leão do deserto, tem d'este o orgulho ferino e, como elle, ama a solidão, fugindo dos corações sulcados pelas caravanas doidas das fantasias ephemeras.

—Tenha compaixão, meu bom sr... interrompeu uma voz lastimosa.

Era um cego que, sentado no talude d'um fosso, respirava com delicia os raios do poente. Os cabellos brancos esvoaçavam-lhe na cabeça descoberta e um bem estar todo material illuminava-lhe o rosto de pergaminho que o ar atrigueirára.

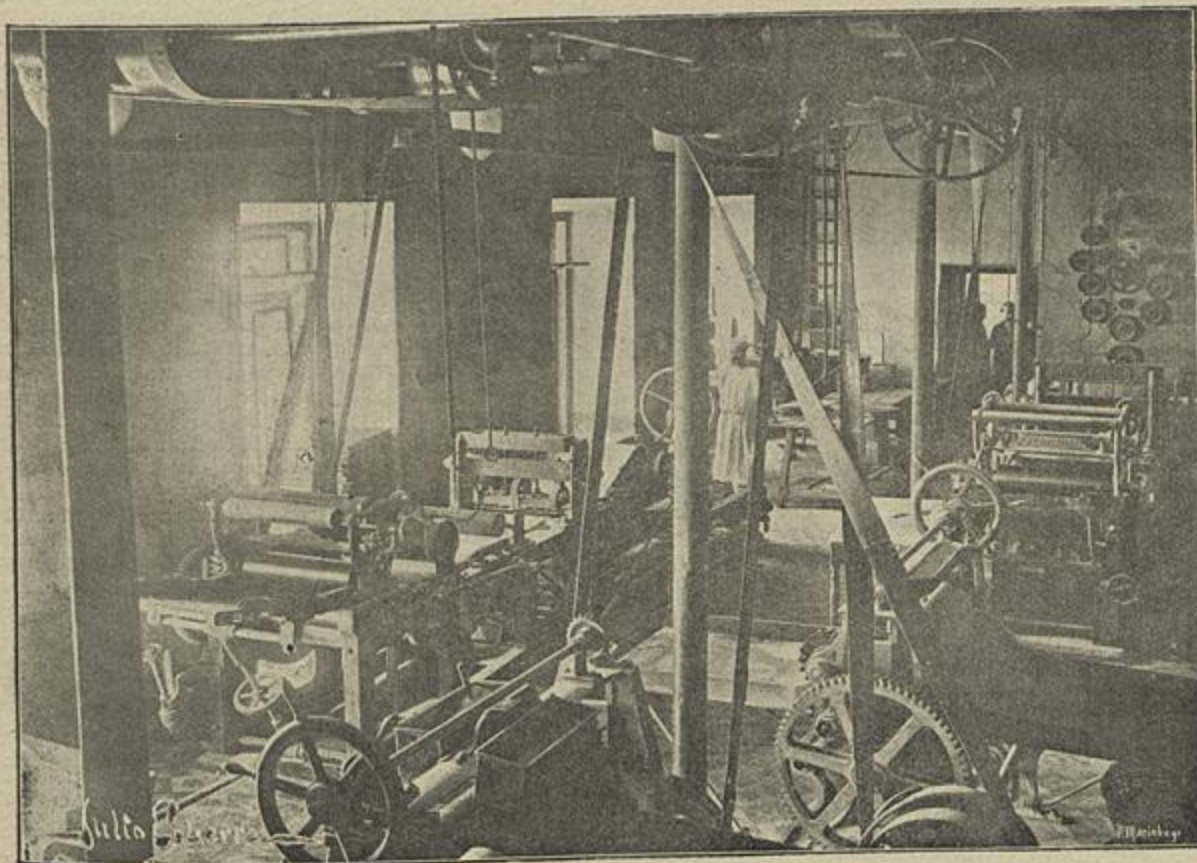
O Conde olhou para elle com curiosidade. Depois, tendo em vão remexido em todas as algibeiras, tirou um diamante que lhe scintillava no dedo e metteu-o na mão do velho.

— Um annel! exclamou pasmado o mendigo.

— E' que, respondeu Octavio, não tenho outra coisa que lhe dê.

— Pois Deus o abençoe! exclamou o cego. Dê-lhe tanta felicidade e tanta vida como a mim.

— Outro! disse comsigo o Conde. Que sestro

Industria Nacional

PREPARAÇÃO DAS MASSAS EM LAMINAS

de bons desejos tem esta gente!... Que edade tem? perguntou.

— Sessenta e sete annos, meu sr.

— Sessenta e sete annos de miseria e de soffrimento! murmurava Octavio. Triste presente para mim pede á Providencia! Acha então que a vida é facil de levar, meu pobre homem?

— Ha momentos que não são maus, respondeu o cego.

Octavio olhou para elle, cheio de espanto.

— Gostou d'alguem quando foi novo? perguntou. Quero dizer, teve-lhe amor?

O velho sorriu-se doce e melancolicamente; a face pallida tomou côr, como um reflexo d'uma felicidade longe.

— Sim, murmurava, distrahidamente fazendo festas ao cão, amei... uma vez, como toda a gente.

O Conde afastou-se pensativo.

— Como toda a gente! repetiu a meia voz. Pois hei de eu ser uma excepção? Terei menos que os outros homens algum sentido? Entretanto parece-me que se novamente a encontrasse... essa...

— Um cobresinho, se faz favor, interrompeu um limpa-chaminés que, havia cinco minutos girava em torno de Octavio.

— Hein! disse o Conde, não estou aqui em segurança, nascem-me pobres debaixo dos pés! Não tenho que te dê, deixa-me socegado.

O limpa-chaminés afastou-se com ar triste e Octavio quasi se arrependeu do seu máo genio.

— E' que ainda tenho isto! pensou.

Olhava para um junco com castão d'oiro cinzelado com que caminhando cortava o ar.

— Para que me serve isto na viagem que vou fazer? Olha lá, pequeno! gritou.

A criancita veio logo correndo ouvindo aquella voz já amaciada.

— Toma lá esta bengalla, disse-lhe Octavio.

O pequeno cuidou que estavam a brincar com elle e ergueu para o Conde os olhos medrosos.

— Toma, disse o Conde docemente. Não vês que é d'oiro?

O pequeno com um ar muito timido pegou na bengala e ficou-se immovel no mesmo logar, olhando para Octavio que se affastava lentamente. Depois, de repente, gritou-lhe com uma voz fresca e argentina:

— Ha de lhe dar sorte ao casamento.

O Conde poz-se a rir.

— Mais um bom desejo que não tem probabilidade de cumprir-se. O meu casamento!... Lá que eu tenho uma noiva á espera, isso tenho: chama-se a Morte. Mas tem que ter paciencia ainda uns vinte minutos, o tempo de fumar o meu ultimo charuto e de fazer os preparativos de partida.

Accendeu um havano secco e doirado.

— Diabo! disse de repente. Se não me engano, vejo acolá o vulto d'um quarto pobresinho. Vamos tomar outro atalho. Não tenho enguiços, mas este chuveiro de bons desejos a cahir-me em cima começa a assustar-me. Tanto mais que d'aqui a pouco estarei tão despido como o Hassan de Musset; ao romance descabellado da minha vida não lhe ponhamos um final indecente.

E o Conde de Soubran, afastando brenhas e moitas, metteu-se para o mais profundo do bosque.

II

EM QUE O CONDE DE SOUBRAN ACHA UM FINAL

Entretanto o Conde Octavio ia repetindo comsigo mesmo as ultimas palavras do limpa-chaminés... Haviam-lhe inspirado uma idéa tão nova que até lhe parecia estranha.

— O meu casamento? Mas porque mais cedo nunca pensei em tal? E' talvez um genero de ventura que me escapou, a mim que tanto me inchava por todos haver conhecido, a mim, a quem todos chamavam homem feliz por excellencia. Quem sabe!... uma casa tranquilla, uma vida de paz e de trabalho, lindas criancinhas rosadas a abraçarem-me, uma linda mulherzinha casta e pura... como *ella!*... Ora vamos, que teimosia de visão!

Os que muito viveram são como os que lêram muito. Estes ultimos, certa passagem notavel, certa fraze artisticamente burilada, um pensamento profundo e verdadeiro, surge-lhes de repente na memoria, sem que possam dizer a que auctor pertencem, a que livro os foram buscar.

Assim acontece com os homens que viveram com muita gente: chama-lhe um rosto a attenção, commove-os, param, admiram o e mettem-o sem querer em qualquer recantosinho escuro do cerebro; rodam os annos; e vai, um dia, quando menos pensam em tal, o mesmo rosto lhes surge no espirito, nitido, pormenorisado, sem que lhes possam pôr nome ou apreciar a circumstancia em que pela primeira vez o encontraram.

ESCOLHA E ENLATAÇÃO DE BOLACHAS

FABRICA DE BOLACHAS DA PAMPULHA, DE EDUARDO COSTA

Era o que estava acontecendo com Octavio. Algures existia, — onde? não soubera dizel-o — um doce rosto de mulher que elle sentia ser capaz de apaixonal-o. A's vezes, em raros instantes de saciedade ou de insomnia, uns magnificos cabellos loiros emmoldurando um oval de archanjo, olhos de azul sombrio, enormes, franjados de longos cilios negros, n'elle fitados com ternura inexprimivel, sobre elle se haviam inclinado á cabeceira de sua cama.

Não era sonho da fantasia, era uma lembrança real. Essa mulher, tinha-a visto, tinha-lhe falado, sentira passando junto d'ella que uma impressão misteriosa, amor ou presentimento tomava logar no mais profundo da sua alma... Haviam-se separado depois; fôra cada qual levado por sua corrente, e Octavio, em meio da agitação devoradora em que as horas se lhe fundiam e volatilisavam nos ardentes cadinhos de vida parisiense, Octavio esquecera a doce e fugitiva visão, que só lhe apparecia agora com grandes intervallos e para logo desfazer-se.

E logo havia de ser ali, n'aquelle instante supremo em que deitava contas ao passado, emquanto pasma e se queixa do vacuo de seu coração e lhe remexe as cinzas, logo havia de ser ali que havia de dar com aquella pepita d'oiro esquecida!

Percebe que teria amado aquella mulher. Quem sabe se não a amou? Mas onde, quando foi que a encontrou? Nada lhe diz a lembrança, por muito que puxe por ella. Apenas sabe que a viu em circumstancias fataes; porque á imagem d'ella liga-se no espirito de Octavio uma vaga idéa de soffrimento agudo, de dôr physica.

— Decididamente, disse por fim despeitado, é tempo de pôrmos um ponto a isto! Diabos me levem, volto á meninice! Pois não me vou pôr agora a adorar um anjo, uma mulher desconhecida, como galanzinho, ou a derreter-me com um amor ideal como menina de collegio que quer um marido de bigode e sem frieiras!

Deu uma gargalhada um tanto forçada e poz-se a olhar em volta.

Achava-se em meio d'uma clareira deserta e silenciosa, onde não havia perigo que o fossem incommodar; com um bocadinho de fantasia podia suppôr-se n'uma floresta virgem da America.

Uma brisa tepida brincava com a folhagem nascente e a cada sopro acordava o suave chilrear dos passarinhos palradores, emquanto os ultimos raios do sol, filtrando por entre os ramos, cahiam aqui, acolá, em finos galões de purpura sobre a relva. Umas nuvemzinhas brancas e côr de rosa nadavam na profundidade cerulea do céo.

— Que linda tarde! dizia o Conde enchendo os pulmões com a atmosphera perfumada. Pois não é tudo isto para mim? Ai, philosophos! patetas que vêdes no suicidio apenas um desarranjo do cerebro, porque não me vindes agora tomar o pulso? Não sou doido decerto nem estou desesperado; estou no goso de todas as minhas faculdades, e, entretanto, experimento verdadeira alegria pensando que vou para sempre adormecer em meio d'estes perfumes e d'esta luz.

Assim falando, ia lançando o olhar em volta, como quem procura alguma coisa.

Depressa se lhe deparou um carvalho enorme, que, meio pendido sobre a clareira, fazia murmurejar as folhas docemente.

— Serve-me, disse Octavio approximando-se.

Como examinasse a arvore com um sorriso satisfeito, notou que na casca havia umas lettras abertas com a ponta d'um canivete.

E leu:

«30 de maio de 1846.»

— Ora esta! exclamou. 30 de maio de 1846 é hoje! Que quererá dizer esta data? Pois a fada, que eu sempre suppuz dever ser minha madrinha, teria sido tão amavel que me quizesse indicar a arvore a que devem baloiçar-se os meus despojos mortaes?... N'esse caso, desconfiemos, é ramo com certeza que deve partir-se.

Subiu com agilidade e suspendeu-se pelos braços a um tronco que se estendia negro e rugoso sobre a clareira.

O tronco nem sequer dobrou.

— Bom, disse Octavio, saltando para o chão; já vejo que a madrinha não tem nada com isto. Foi obra de namorados, que, vindo aqui esta manhã, quizeram perpetuar a lembrança do encontro. Lyrismos proprios dos desoito ou vinte annos.. Pobres crianças! Se cá voltam ámanhã, não vão com certeza escolher este logar para trocar confidencias. E agora... mãos á obra!

Desatou a gravata e deu-lhe um nó de correr.

— Lindo momento para perpetrar uma elegia em alexandrinos de rima crusada!... Moribundo que se respeita deve a si mesmo a polidez... Mas não tenho agora tempo, e vou muito prosaicamente despedir-me da existencia.

Separavam-o ainda uns minutos da hora que havia fixado para sua morte. Encostou se ao carvalho e poz-se á espera. Quem lhe visse a physionomia socegada e o sorriso zombeteiro julgaria olhar para um poeta mandrião, que se embebeda com o sol e se deixa viver com delicia.

— Céos e terra, adeus! pensava Octavio. Coisa nova para offerecer-me já não tendes; deixo-vos antes que me enerve a sociedade, antes que me afogue o aborrecimento. Vou-me novo e bello, altivo e alegre! Não verei cahirem-me dentes, cabellos, nem illusões, se ainda algumas tenho; troço da velhice com seus catharros e rheumatismos. Adeus, querido, esplendido Paris, poesia materialisada, ideal vivo! Em troca de teus obsequios, ó Danae moderno, precisavas não uma chuva, mas uma tromba d'oiro... transformei me em diluvio e saturaste-me com teus carinhos... adeus, Paris! A'manhã esmaltarei a terceira pa-

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

A meteorologia em Lisboa

Dias em que o thermometro accusou temperaturas superiores a 30°

1880-1901

(Continuado do n.º 832)

			1880				
27 *Junho*	Max.: 30°,4	9 *Agosto*	Max.: 32°,9	1 *Setembro*	Max.: 30°,2	2 *Setembro*	Max.: 30°,2
			1881				
10 *Julho*	Max.: 32°,2	11 *Julho*	Max.: 33°,1	*15 Julho*	Max.: 30°,6	23 *Julho*	Max.: 33°,8
24 »	» 34°,4	25 »	» 31°,8	28 »	» 30°,8	29 »	» 32°,3
1 *Agosto*	» 30°,1	2 *Agosto*	» 32°,8	3 *Agosto*	» 37°,6	4 *Agosto*	» 36°,4
5 »	» 34°,0	6 »	» 35°,9	7 »	» 36°,4	8 »	» 35°,9
10 »	» 31°,0	12 »	» 31°,8	14 »	» 30°,6	15 »	» 30°,3
16 »	» 32°,5	17 »	» 30°,5	18 »	» 31°,8	2 *Setembro*	» 31°,6
16 *Setembro*	» 32°,2						
			1882				
27 *Julho*	Max.: 32°,0	30 *Julho*	Max : 32°,8	31 *Julho*	Max.: 35°,1	1 *Agosto*	Max.: 31°,6
2 *Agosto*	» 33°,8	3 *Agosto*	» 32°,7	22 *Agosto*	» 35°,7	29 »	» 30°,8
30 »	» 32°,1	31 »	» 31°,6				
			1883				
16 *Julho*	Max.: 31°,0	26 *Julho*	Max.: 31°,4	11 *Agosto*	Max.: 32°,6	12 *Agosto*	Max.: 32°,0
16 *Agosto*	» 30°,7	23 *Agosto*	» 30°,2	27 »	» 32°,0	7 *Setembro*	» 31°,5
			1884				
13 *Junho*	Max.: 30,°5	14 *Junho*	Max.: 31°,1	20 *Julho*	Max.: 33°,0	21 *Julho*	Max.: 35°,6
22 *Julho*	» 36,°4	23 *Julho*	» 32°,1	26 »	» 30°,7	28 »	» 33°,2
1 *Agosto*	» 31,°7	2 *Agosto*	» 30°,7	3 *Agosto*	» 31°,7	4 *Agosto*	» 35°,2
5 »	» 36,°6	6 »	» 33°,6	7 »	» 31°,1	13 »	» 30°,9
15 »	» 32,°6	16 »	» 31°,2	9 *Setembro*	» 30°,2		
			1885				
1 *Junho*	Max.: 31°,0	15 *Agosto*	Max.: 30°,0	16 *Agosto*	Max.: 32°,0	17 *Agosto*	Max.: 37°,5
18 *Agosto*	» 37°,8	19 »	» 30°,0	21 *Setembro*	« 30°,0		
			1886				
15 *Junho*	Max.: 31°,0	16 *Junho*	Max.: 32°,4	17 *Junho*	Max.: 30°,9	18 *Junho*	Max.: 30°,5
23 »	» 30°,9	5 *Julho*	» 30°,9	11 *Julho*	» 30°,0	12 *Julho*	» 30°,9
13 *Julho*	» 32°,2	16 »	» 30°,6	17 »	» 30°,5	28 »	» 31°,0
29 »	» 30°,4	6 *Agosto*	» 32°,7	7 *Agosto*	» 31°,0	8 *Agosto*	» 33°,4
18 *Agosto*	» 31°,0	19 »	» 31°,1	27 »	» 30°,3		
			1887				
7 *Junho*	Max.: 30°,0	8 *Junho*	Max.: 33°,3	11 *Junho*	Max.: 31°,9	12 *Jnnho*	Max.: 30°,0
13 »	» 30°,6	14 »	» 31°,5	15 »	» 30°,8	29 »	» 32°,3
30 »	» 31°,1	11 *Julho*	» 31°,2	20 *Julho*	» 30°,2	21 *Julho*	» 31°,8
22 *Julho*	» 31°,0	27 »	» 30°,2	28 »	» 30°,0	2 *Agosto*	» 30°,8
3 *Agosto*	» 31°,3	4 *Agosto*	» 30°,4	7 *Agosto*	» 32°,6	8 »	» 34,°5
9 »	» 33°,4	19 »	» 30°,4	21 »	» 31°,0		
			1888				
31 *Maio*	Max.: 30°,0	1 *Junho*	Max : 30°,1	4 *Agosto*	Max.: 31°,1	5 *Agosto*	Max.: 33°,5
6 *Agosto*	» 35°,4	7 *Agosto*	» 34°,6	8 »	» 34°,8	28 »	» 30°,8
			1889				
30 *Junho*	Max.: 30°,9	28 *Julho*	Max : 30°,6	29 *Julho*	Max : 31°,7	16 *Agosto*	Max : 35°,5
27 *Agosto*	» 30°,6	28 *Agosto*	» 30°,2	10 *Setembro*	» 32°,5	11 *Setembro*	» 32°,1
12 *Setembro*	» 32°,6	15 *Setembro*	» 31°,5	16 »	» 34°,3		
			1890				
6 *Junho*	Max : 30°,6	7 *Junho*	Max.: 33°,0	8 *Junho*	Max.: 32°,0	15 *Junho*	Max : 30°,6
18 »	» 31°,4	19 »	» 30°,5	13 *Julho*	» 31°,0	22 *Julho*	» 30°,4
23 *Julho*	» 31°,2	24 *Julho*	» 30°,7	25 »	» 31°,4	31 »	» 30°,8
15 *Agosto*	» 30°,8	22 *Agosto*	» 31°,4	4 *Setembro*	» 32°,0	5 *Setembro*	» 34°,5
6 *Setembro*	» 31°,9	7 *Setembro*	» 30°,6	8 »	» 31°,1	9 »	» 30°,7
			1891				
14 *Junho*	Max.: 30°,2	16 *Junho*	Max.: 30°,2	17 *Junho*	Max.: 31°,8	19 *Junho*	Max.. 32°,7
21 »	» 32°,0	6 *Julho*	» 34°,0	7 *Julho*	» 35°,9	24 *Julho*	» 32°,4
2 *Agosto*	» 31°,8	8 *Agosto*	» 32°,1	9 *Agosto*	» 32°,0	13 *Agosto*	» 31°,1
13 »	» 35°,2	14 »	» 30°,4	15 »	» 30°,2		
			1892				
19 *Maio*	Max.: 30°,3	20 *Maio*	Max.: 30°,4	6 *Junho*	Max.: 34°,3	26 *Junho*	Max.: 32°,8
27 *Junho*	» 32°,1	29 *Junho*	» 30°,9	30 »	» 33°,4	1 *Julho*	» 34°,2
2 *Julho*	» 30°,4	2 *Agosto*	» 33°,0	3 *Agosto*	» 31°,8	1 *Agosto*	» 30°,6
11 *Agosto*	» 31°,0	12 »	» 30°,8	14 »	» 34°,6	15 »	» 37°,5
16 »	» 34°,3	17 »	» 33°,1	21 »	» 30°,2	8 *Setembro*	» 30°,6
10 *Setembro*	» 31°,6	11 *Setembro*	» 31°,7				
			1893				
6 *Junho*	Max.: 30°,3	9 *Junho*	Max.: 34°,6	15 *Junho*	Max.: 30°,9	16 *Julho*	Max.: 31°,3
17 *Julho*	» 34°,5	18 *Julho*	» 30°,5	23 *Julho*	» 32°,8	24 »	» 32°,5
25 »	» 34°,3	27 »	» 32°,4	28 »	» 33°,1	29 »	» 33°,5
30 »	» 31°,1	31 »	» 33°,5	2 *Agosto*	» 31°,3	3 *Agosto*	» 31°,7
14 *Agosto*	» 31°,4	15 *Agosto*	» 32°,8	16 »	» 30°,8	17 »	» 30°,8
22 »	» 30°,2	23 »	» 33°,1	24 »	» 34°,5	2 *Setembro*	» 31°,2
3 *Setemboo*	» 30°,1	19 *Outubro*	» 30°,2				

(Continua)

Antonio A. O. Machado.

gina dos teus jornaes... entre um bolsista infeliz e uma costureira abandonada... Far-se-hão milhões de conjecturas doidas sobre a minha *fatal resolução* e depois d'ámanhã ninguem se lembrará de que existi. Mulheres de frontes candidas, lindos anjos peçonhentos, filhas d'Eva e da Serpente, que tanto me enganastes e a quem paguei na mesma moeda, adeus! Todos vós, amigos e inimigos, meus devedores e meus agiotas, quadrupla expressão para dizer a uma mesma coisa hedionda, deixo-vos sem vergonha; não me vereis com um chapeo avermelhado nem com fatos do anno passado... Não tereis a suprema satisfação de exclamar: Pobre Conde... eu bem o dizia!... Queridos parceiros, a partida já me vai aborrecendo, desisto, e vou verificar se o que se diz d'outra vida melhor é tão certo como se diz.

O nó estava prompto.

Octavio meditou um instante; por um instante o rosto sarcastico assumiu uma expressão de ineffavel doçura, quasi de recolhimento... o que quer que fosse, como um suspiro, adejou-lhe nos labios, como uma lagrima, luziu-lhe nos olhos.

Hesitaria?

Não. Era uma graciosa imagem de mulher que mais uma vez lhe atravessava o pensamento; pareceu-lhe que essa mulher desconhecida fitava n'elle um olhar de reprehensão dolorosa.

Foi como um relampago.

Octavio de Soubran sacudiu a cabeça para afastar a visão teimosa e de novo lhe assomou aos labios o sorriso de indifferença.

Sacudiu as botas ligeiramente sujas de poeira, passou a mão pelos cabellos e atou com um bom nó a gravata ao ramo do carvalho.

Depois, tendo esperado que o ponteiro do relogio marcasse seis em ponto, deitou fóra a ponta do cigarro, passou o pescoço no laço e atirou-se para a eternidade.

III

DOIS TEIMOSOS

Quasi n'esse mesmo instante, quando já as oscillações do corpo de Octavio se tornavam menos sensiveis, as moitas afastaram-se e appareceu outra personagem.

Foi ter direito á arvore e, vendo Octavio soltou esta simples exclamação: «Oh!» com o mais puro accento britannico: depois tirando da algibeira uma faca de matto, cortou com todo o socego a gravata que afogava o Conde de Soubran.

O corpo do enforcado cahiu pesadamente no chão onde se estirou.

Sem mais se importar com isso, o desconhecido tirou o chapéo que pendurou n'um ramo, tirou as luvas e abriu um embrulhosinho que trazia na mão.

Entretanto Octacio ia-se reanimando. Sentou-se e poz-se a olhar em volta com ar espantado.

— Seis horas e dez minutos! exclamou, olhando para o relogio. E ainda estou cá n'este mundo! É a primeira vez que se me atraza uma das minhas deliberações! Já sei, foi o ramo que se quebrou, não se me dava de apostar!

Mas vendo o ramo inteirinho e ainda n'elle atado um pedaço da gravata que o vento fazia esvoaçar, voltou-se e deu com o recem-vindo que parecia muito preoccupado com qualquer trabalho manual.

Octavio levantou se e foi pôr-se á frente d'elle.

O desconhecido, que era um homem dos seus quarenta annos, alto e magro, de phisionomia feia e distincta, deixou escapar um signal de impaciencia:

— Pois o sr. não está morto!

— Parece que não, disse o Conde, e o mais espantado dos dois não é quem o sr. pensa.

— Pois tanto peor, disse o inglez.

Parecia querer ficar-se por aquelle principio de cavaco, pois que, tendo cumprimentado Octavio, afastou-se uns passos.

Mas Octavio estava furioso e intrigado, furioso por ter de recomeçar o que já cuidava concluido, intrigado por aquelle original e sobretudo pela misteriosa tarefa a que o via entregue.

Seguiu-o e disse-lhe em tom visivelmente aggressivo:

— Poderá saber-se a razão do sentimento muito pouco amavel que me acaba de formular?

— Que sentimento?

— O sr. disse: Pois tanto peor! quando percebeu que eu não estava morto.

— O que lhe digo é que me é indifferente que o sr. esteja vivo ou morto. Disse: Pois tanto peor porque, francamente o sr. aqui incommoda-me.

— Tem graça! Pois o sr. aqui muito mais me incommoda a mim!

— Preciso estar só, disse o inglez.

— Naturalmente para se enforcar.

— Porque diz o sr. isso?

— Porque isso que tem na mão parece-se muito com um cordão de campainha.

— E então?

— Com esse nó de correr... Porque lá d'isso entendo eu.

— Deixe me observar-lhe, interrompeu o desconhecido, que o sr. se está mettendo em coisas com que nada tem.

— Perdão, disse Octavio, eu cá não o fui procurar o sr. é que veiu metter-se onde não era chamado.

— Onde não era chamado?

— Pois quem me desempoleirou se não foi o sr.?

— Sim, sr. fui eu; mas pensei que o sr. estava morto.

— Então porque me desempoleirou?

— Porque o sr. estava na minha arvore.

— Na *sua* arvore?

— Está claro. Ha oito dias que eu a escolhi e marquei. Veja.

— O quê! Esta data: «30 de maio de 1846...»

— Fui eu que a escrevi.

— Tinha pois escolhido este carvalho para...

O inglez meneou a cabeça em signal affirmativo.

— Mas com mil diabos, carvalhos não faltam. Escolhesse outro e deixasse-me este!

— Sr! disse o inglez com toda a placidez, escolhi esta arvore e não outra; ora quando eu quero não ha poder humano que me faça não querer.

— Pois tambem eu! Tinha jurado a mim mesmo morrer ás seis horas em ponto. Por sua culpa já estou com meia hora d'atrazo.

— Tenho muita pena e o mais que posso é dizer-lhe que sinto muito. Mas... com quem tenho a honra de estar falando?

— Sou o Conde Octavio de Soubran.

O inglez comprimentou.

— Eu sou lord Weymouth. A' falta de terceiro que nos apresente, vemo-nos obrigados a desempenhar por nós mesmos esta formalidade indispensavel.

Octavio tornou a cumprimentar.

— Sr. Conde, continuou o inglez, atando o cordão da campainha ao tronco da arvore, não imagina quanto estimei conhecel-o.

— O quê! Pois teima em enforcar-se n'essa arvore?

— E' a minha arvore.

— Então consinta que lhe faça uma proposta.

— Faça.

— Cortou-me a gravata e privou-me do meu unico meio de suspensão; aqui está o que nos resta a fazer...

— Vejamos.

— Empresta-me esse cordão; eu enforco-me primeiro e logo, que eu esteja enforcado, mas d'esta vez a valer, o sr. toma outra vez posse da sua arvore e do seu cordão e, se lhe parecer, faz o que eu fiz.

O inglez poz-se a pensar.

— Não é possivel, disse por fim.

— Recusa?

— Repare que isto não é senão um bocadinho de cordão; não chega senão para uma pessoa... se o corto para o desenforcar, talvez depois não chegue para mim.

— Mas então que quer o sr. que eu faça? perguntou Octavio desesperado.

— Volte para casa e fica a coisa addiada para ámanhã.

— E' que eu já não tenho casa.

O inglez mostrou estar meio virado.

— Se o sr. se quizer servir d'esta faca de matto...

— Muito obrigado, mas eu cá sou pela estrangulação.

— E' extraordinario!

— Parece-me que o sr. tambem.

— Eu, é differente. Sou inglez e a forca é suicidio nacional. Mas o sr. que é francez e fidalgo, escolher exactamente uma morte que era considerada como infamante, a forca finalmente, um supplicio de vilão, uma morte de patife...

— Bem sei, mylord, que os meus avós vão dar pulo na mortalha de prejuizos velhos; mas, que diabo! prejuizos todos nós temos; rala-me a minha phisionomia não quero ficar horrivelmente desfigurado com um tiro de pistola, que, demais a mais, pode não matar-me de repente.

— Ha tantos outros meios...

— Pois pensa que os não considerei todos? O veneno, meio lento, desagradavel, que põe nodoas na pelle e dá colicas infames. A asphixia? desenlace ridiculo, recurso de costureira que deve ao senhorio. O punhal? fica um homem todo sujo de sangue... e depois a tragedia fez d'elle um tal abuso!

Lord Weymouth escutava approvando muito com a cabeça.

— Nado bem de mais, continuou a Conde, para poder morrer afogado; depois a agua do Sena é tão turva, as redes de Saint-Cloud tão sujas, a Morgue tão mal frequentada... Atirar-me d'um quarto andar ou do alto da columna Vendôme, nem pensar n'isso; membros escangalhados, um montão informe de carne e ossos ensanguentados que se apanha e ás vezes ainda respira, é coisa repugnante e que dá volta ao estomago.

— E' verdade, disse lord Weymouth. Mas, aqui entre nós, olhe que a forca tambem não é coisa atrahente.

— Parece-me que não, disse Octavio. Já experimentei... Mas o sr. Janin... Já leu o *Burro morto* do sr. Janin, mylord?

— Verdade, verdade, ainda não.

— Pois o sr. Janin affirma que a quintassencia da felicidade na terra é estar pendurado pelo pescoço até morrer. Quiz experimentar esse supremo goso...

— E que tal?

— Convenço me de que houve algum enforcado que comeu o sr. Janin Mas isso pouco importa, escolhi a forca, está escolhida.

— Tambem eu, disse o inglez. Sinto não lhe poder ser util.

Octavio ia-se pondo cada vez mais serio.

— Acceite os meus cumprimentos, disse o inglez.

E metteu o pescoço no cordão.

O mau humor de Octavio estoirou.

— Sete horas menos um quarto! disse, batendo com o pé no chão. E ainda isto não acabou! Decididamente, sr. o primeiro hei de ser eu!

O inglez já meio enforcado, tirou do cordão a cabeça e mediu com olhar altivo o Conde de Soubran.

(Continúa).

METEOROLOGIA

Março de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
1	757,4	14,4– 9,8	Nublado	WSW	11,1
2	765,0	13,4– 8,3	»	WNW	1,8
3	762,0	15,3– 8,3	»	E	0,0
4	751,5	14,3–10,2	»	ESE	1,5
5	751,4	15,2–10,8	»	»	11,1
6	755,2	14,5–10,1	»	NNE	0,3
7	756,7	15,9–11,7	»	»	0,1
8	762,9	15,9– 9	»	NW	0,0
9	763,9	17,5– 9,1	Alg. nuvens	NNE	0,0
10	760,9	17,3–11,1	P. nublado	N	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

A depressão que em 28, tinha o seu centro junto da nossa costa, affastou-se em 2, mas nova depressão se manifestava n'esse dia, nos Açores a qual avançou rapidamente até ao nosso reino, accusando o barometro, em 4, uma baixa barometrica de $10^{mm},5$, ás 9 horas da manhã, tendo attingido $748^{mm},1$ durante a tarde d'esse mesmo dia. A depressão foi diminuindo successivamente de gradiente em 5, e 6, conservando, no emtanto, o seu centro perto da nossa costa. Os dias de maior chuva durante a primeira decada do mez foram em 4 e 5. Na Serra da Estrella registaram-se em 4, $86^{mm},0$ e em Campo Maior $34^{mm},0$, etc.

Tempo primaveril de 8 a 10.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XXIII

Para se obter o papel ferro prussiato, aconselhamos o processo seguinte:

Preparem-se as duas soluções:

A — Agua filtrada.................. 100 cm^3
Citrato de ferro ammoniacal.. 27 gr.
B — Agua filtrada.................. 100 cm^3
Ferro cyaneto de potassio.... 24 gr.

Estes banhos deverão ser feitos n'um quarto escuro, illuminado apenas pelos raios de uma luz vermelha ou alaranjada.

Misturem-se as duas soluções, filtrando-as, e deitando o todo, sobre um papel muito consis-

Industria Nacional

GRUPO DO PESSOAL DA FABRICA DE LOLACHAS DA PAMPULHA DE EDUARDO COSTA

tente e com bastante colla, para que a solução não penetre no interior da sua massa.

XXIV

Querendo reproduzir pela photographia, um quadro a oleo, devemos, antes de tudo, laval-o com a solução que adeante indicamos e que tem a vantagem de não prejudicar em cousa alguma as tintas.

Preparem-se partes eguaes de oleo de linhaça e essencia de therebentina, misturando em seguida, as duas substancias.

Por meio de um panno humedecido com este composto, besuntamos, por egual, todo o quadro que pretendemos reproduzir.

D'esta forma, avivamos as côres e o aspecto do quadro.

NECROLOGIA

CONSELHEIRO FREDERICO AROUCA

No Grande Hotel do Estoril, para onde fôra convalescer de maior doença, falleceu pelas 7 horas da manhã do dia 6 do corrente, quasi repentinamente o Conselheiro de Estado effectivo e ministro honorario sr. Frederico Gusmão Correia Arouca, que nascera por 1843.

Como se vê, não foi o peso dos annos que o matou, mas uma lesão cardiaca complicada com albuminuria.

Era o conselheiro Arouca um caracter primoroso, harmonisando perfeitamente com o seu porte elegante. Intelligencia clara, modo insinuante, fino, agradavel, era o perfeito homem de sociedade, e se a sua illustração e talento lhe permittiram attingir os mais elevados cargos sociaes, não menos para isso concorreram as suas qualidades de *gentleman*.

E foi assim que aos 58 annos de idade elle já tinha percorrido toda a escala da carreira politica desde a de simples deputado até á de par do reino, ministro e conselheiro de Estado effectivo, accrescendo ainda a de ministro plenipotenciario portuguez em Londres.

Não será facil na legislação portugueza encontrar leis firmadas pelo seu punho, que tenham importancia capital, mas a sua gerencia de ministro das obras publicas em 1890 e dos estrangeiros em 1893 foram discretas e não crearam difficuldades á administração publica.

Não lhes faltava o talento, mas sim a actividade e o esforço. Partidario leal, de bom conselho e senso pouco vulgar, via sempre as questões com clareza, de maneira que a sua palavra tinha toda a auctoridade no parlamento, e quer tivesse que atacar ou defender nunca deixou de ser polido e cortez nos debates, mesmo quando violentos.

Por tudo isto o cercavam sympathias dos amigos e dos adversarios politicos, porque outros não tinha, e ainda a manifestação de sentimento na sessão da camara dos pares em 7 do corrente, são prova de quanto o conselheiro Arouca era estimado.

CONSELHEIRO FREDERICO DE GUSMAO CORREIA AROUCA

FALLECIDO EM 6 DO CORRENTE

São frisantes estas palavras do illustre presidente do conselho, n'aquella sessão :

«Mais um companheiro nosso, de todos nós estimado e querido, que se affasta de nós; e, pelo que lhe respeita, um amigo bem leal, dedicado e firme.

N'estas refregas da vida, em que todos entramos com os nossos sentimentos, com as nossas aspirações, com os nossos ideaes, com os nossos principios, com as convicções que nos animam, perdeu um amigo, bem estimado e querido.

Nos debates que travamos, por vezes nos accommettemos com paixão, e com exagero; todavia, essas impulsões de momento, essas circumstancias de occasião não impedem que seja com profundissima dôr que nós vejamos partir para a eternidade quem em vida nos acompanhava com o seu conselho, com a sua opinião e com a lealdade do seu proceder.

Nos arrebatamentos das paixões esquecemo-nos de que a vida é um dia, um dia accidentado, cheio de embates, de refregas, um dia ao termo do qual encontramos o *Memento quia pulvis es* a lembrar-nos que a morte nos espera; e se esta lembrança não obsta a que o calor nos anime nas discussões e não impede que tratemos de cumprir strictamente os nossos deveres não impede por egual que seja com a mais intensa magoa que vejamos partir para a eterna viagem um amigo, um ente querido, que sempre nos acompanhou com lealdade e affecto.

Frederico Arouca era uma bella intelligencia e um grande caracter. (Apoiados). Uma bella intelligencia, que lhe permittia entrar brilhantemente nos debates parlamentares com muita cortezia sim, mas com um criterio firme, arguto, com uma apreciação segura, com um bom senso que o fazia sobresahir no exame das questões, ainda que estas fossem das mais arduas e complicadas. A apreciação de Frederico Arouca era sempre bem vinda. (Apoiados).

A camara lembra-se de que ainda não ha muito tempo, a proposito de uma questão economica que se debatia na camara, a opinião de Arouca era escutada com silencio, com apreço, com a estima que se dedica a quem tem uma experiencia feita de estudo e de observação.

A par d'isto, notabilissimo no seu trato, verdadeiramente fidalgo e cortez para com todos, nunca pronunciava uma palavra que podesse susceptibilisar alguem. Pelo contrario, usava constantemente da deferencia, que não exclue divergencia de opiniões, por mais accentuada que seja, deferencia peculiar aos que são verdadeiramente nobres no seu proceder e no seu sentir.

. . . .

O dr. Frederico Gusmão Correia Arouca doutorando-se na Universidade de Coimbra, veiu para Lisboa assentar banca de advogado por 1870. Foi depois delegado para a comarca de Cintra.

Em 1879 é pela primeira vez eleito deputado pelo circulo de Cadaval, em duas legislaturas, sendo em 1887 eleito por Portalegre.

Em 1890 fez parte do ministerio presidido por Serpa Pimentel, como ministro das obras publicas, e em 1893 entrou no ministerio organisado pelo sr. Hintze Ribeiro, para a pasta dos estrangeiros.

Em 1896 era nomeado ministro em Londres, na vaga que deixava o sr. Marquez de Soveral, que viera tomar conta da pasta dos estrangeiros.

Pela queda d'aquelle ministerio, voltou para Lisboa, sendo nomeado pouco depois conselheiro do Tribunal de Contas.

Em 1893 fôra elevado ao pariato, em 1900 nomeado conselheiro de Estado, na vaga que deixou Barjona de Freitas.

Era advogado syndico da camara municipal de Lisboa, e vogal do conselho administrativo da Real Companhia dos Caminhos de ferro Portuguezes.

Tinha grande numero de condecorações nacionaes e estrangeiras e entre estas a gran-cruz de Pio IX.